

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.200

Quarta feira, 25 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Esfôrço necessário

As necessidades de propaganda cada vez mais instantes, o desenvolvimento dos trabalhos administrativos e das relações entre o operariado e a Confederação Geral do Trabalho, tem feito aumentar neste organismo as despesas que a toda a sua actividade sempre crescente são inerentes.

Antigamente, quando a central dos sindicatos não tinha a importância que tem hoje e o seu funcionamento era mais simples, mais leve, quaisquer centavos bastavam para sustentá-la, para atender a todas as suas modestas necessidades financeiras.

Hoje já não é assim. A C. G. T. é um organismo mais complexo, implicando uma variedade de actividades que são a sua vida e que para serem actividades precisam de dinheiro que as alimente.

O envio de delegados a vários pontos do país, a manutenção de um diário de defesa, cuja publicação não se pode interromper — por que interrompê-la seria uma quebra de energias funesta — a compra de impressos, a montagem de escrita, etc., representam, presentemente, que um aparato custa um tostão e qualquer insignificância uma fortuna, um encargo colossal que a reduzida cota do sindicado não pode cobrir.

Deste estado de coisas teve o Congresso da Covilhã intuição plena, resolvendo que a C. G. T. aumentasse a sua cota segundo as necessidades mais instantes da Organização e as possibilidades da população operária.

Tem o proletariado na Confederação a sua defesa mais forte porque é resultado da sua própria força e união. Mas essa defesa valiosa, esse baluarte resistente, deixará de fazer-se temer e de achar com eficácia se o operariado não a colocar numa situação financeira mais desafogada.

O custo da vida que, como ininterrupta maré enchece vai inundando de encargos a existência dos homens, não esquece também a existência das instituições que como os homens vivem e sofrem e dependem inteiramente da situação económica que o país atravessa.

Se os interessados, que são todos os trabalhadores, se esquecerem de robustecer com um pequeno esforço, o organismo que os representa, os males que esse organismo sofrer reflectir-se hão na vida dos próprios trabalhadores.

O enorme esforço financeiro que a C. G. T. requer a que um só operário já mal realizaria, dividido por todos, mal se sente, não representa grande sacrifício. E são muito maiores os benefícios que desse pequeno esforço advirão para a classe trabalhadora.

A propaganda sindicalista que urge fazer pela província a fim de trazer ao seio da Confederação todos os que labutam e sofrem, a manutenção de *A Batalha* que dia a dia leva por esse país fora o alento revolucionário e dá conta do que se passa entre nós, a melhor organização dos serviços internos e administrativos, impõem o aumento da cota confederal.

Se cada trabalhador pezar bem na sua consciência os prós e os contras que desse pequeno aumento lhe podem advir estamos convencidos de que optará pelo aumento.

Que medite, pois, cada trabalhador.

NOTAS & COMENTARIOS

António Cândido

Faleceu ontem em Condemil, terra da sua naturalidade

Ontem de manhã, faleceu em Condemil, António Cândido Ribeiro da Costa, que ainda há bem pouco tempo foi homenageado pelos seus conhecidos de oratório.

Nasceu em S. Cristovam de Condemil, distrito do Porto, em 29 de Março de 1851. Em 1875 formou-se na Universidade de Coimbra, em teologia e direito, doutorando-se em 21 de Julho de 1878. Era sócio da Academia de Ciências de Lisboa e do Instituto de Coimbra. Foi lente da Universidade e elevado em 1880-81, 84-87 e 1887-89. Em 31 de março de 1891 foi nomeado por reino, tomado assento na câmara em 1 de junho do mesmo ano. Foi ministro do reino, de 13 de outubro de 1890 a 21 de maio de 1891. Nomeado conselheiro de Estado em 13 de março de 1902, em 3 de abril de 1905 era eleito presidente da Câmara dos Pares.

Exerceu o cargo de vice-presidente da Academia, visto que a presidência pertencia ao rei. A quando da proclamação da República, era Procurador Geral da Coroa, lugar de que actualmente era aposentado.

António Cândido escreveu e publicou

«Princípios de filosofia política», Coimbra, 1878; «Teses selectas de direito», Coimbra, 1878; «Discurso sobre o imposto de rendimento», 1880; «Discurso da coroa», 1881; «Orações fúnebres», Pórtico 1880; «Discursos parlamentares», 1880-1885; «Discursos e conferências na Academia e no Parlamento», 1901, onde está o «Elogio histórico de El-Rei D. Luís», dois discursos em resposta à Latino Coelho, por ocasião da revolta de 1891, e outra em resposta a Manuel de Atriaga, sobre a suspensão de garantias; «Em Amarante», discurso, e a «Introdução do drama «D. Pedro», de José de Sousa Monteiro, 1913.

Publicou ainda várias orações fúnebres e colaborou no volume de «Conferências da Exposição de Coimbra» e no livro de discursos a Eça de Queiroz, publicado em 1909.

O Senado fez exarar ontem na acta da sessão um voto de sentimento pela morte do orador associando-a essa manifestação o governo.

O presidente da República recebeu um telegrama dando conta do falecimento.

O funeral realiza-se hoje.

• • •

Pessoal da Imprensa Nacional

Em virtude de nos ter chegado tarde

e devido à falta de espaço com que lhamos, só amanhã publicaremos o extrato da continuação da assembleia

de pessoas da Imprensa Nacional

ontem efectuada.

Um patrão modelo

Na Metalúrgica de Benfica, Limitada, trabalha um operário,

torneiro mecânico, que é aluno da Escola Industrial Marquês de Pombal.

Para frequentar esta escola necessita sair

mais cedo da oficina, e, com essa fin,

pediu a um dos patrões, cidadão francês, que lhe permitisse terminar o serviço, diariamente, mais hora mais cedo.

Este patrão, porém, talvez muito

amigo do aperfeiçoamento intelectual e

técnico dos operários, em vez de o autorizar a sair mais cedo — despediu-o.

Um patrão que merece uma esti-

Das oficinas dos T. M. E. foram despedidos 150 operários, sem explicações algumas.

E' esta a última resolução dos já célebres T. M. E

Rebeldias

Os tipógrafos no jornal O Mundo resolveram adoptar, como protesto, a greve de braços caídos, em virtude de não terem sido atendidos na sua reclamação de aumento de salário, formulada à empresa há cerca de dois meses, sem uma resposta favorável. É bom notar que o pessoal gráfico do Mundo tem estado em manifesta inferioridade com os salários percebidos pelos seus colegas nos outros jornais. Esta táctica, de greve de braços caídos, causou certa estranheza no meio jornalístico!

Questação — se inovação se lhe pode chamar, — trairiam os tipógrafos dos jornais?

A greve de braços caídos, a patrão ou seja a empresa! E isto não

será lógico como natural?

A greve de braços caídos é tipograficamente conhecida pela «greve de alombar», e vulgarmente «andar para trás», isto é, produção diminuta! E' a sabotagem consciente,posta em prática pelos operários dentro da oficina, evitando o lançar-se na greve; somente procurando prejudicar o patrão (empresa) sem afetar os que vivem do jornal e os seus leitores habituais.

A sabotagem é uma forma de luta operária que se manifesta na parte contrária em que se desenvolve uma greve, porque esta é uma luta travada fora da oficina, paralisando o trabalho. A sabotagem é uma luta exercida dentro da oficina, nas horas de trabalho, e consiste em o operário executar a tarefa, a obra, o livro, o jornal, etc., de tal modo que o patrão venha a receber o menor benefício possível.

Verificam-se estes casos, quando um patrão recalcitrante não quer satisfazer as reclamações formuladas pelos operários, e estes não quererem declarar-se em greve.

A sabotagem éposta em prática precisa no momento em que o trabalho é mal pago, ao que corresponde pouca produção, o atraso proposto, consciente, na manufatura do jornal!

Foi o que adoptaram os tipógrafos de O Mundo!

A sua táctica foi conhecida, imediatamente, pelos seus efeitos. Um representante da empresa declarou pretender que os tipógrafos tomassem uma atitude mais energética e decisiva, porque não compreendia a greve de braços caídos, na gráfica, atendendo a que os seus componentes tem de trabalhar... com ambas as mãos!

Carlos INÚBIA

• • •

Conferências

Os seguros sociais obrigatórios

Na Associação de Classe União Técnica, rua Paulo da Cama, n.º 6, 1.º B.

21 horas, o sr. Ladislau Batalha, que

versará sobre «Os seguros sociais obriga-tórios».

Carlos INÚBIA

• • •

OS HERÓIS DE ALJUSTREL

RECORDAÇÃO A PROPÓSITO

Relembra-se uma greve dos mineiros :: que venceu em algumas horas ::

Prossegue, sem solução, o grandioso movimento grevista de Aljustrel. Os trabalhadores continuam a mostrar uma energia inquietante, a energia que os levará ao triunfo.

Pode dizer-se que, do Norte ao Sul do país, o operariado tem os seus olhos postos neste conflito que a irredutibilidade irritante da companhia belga está prolongando inutilmente.

A propósito desta greve, contou-nos alguém que assistiu a uma outra greve anterior uma peripécia interessante que vamos reproduzir em breves palavras.

Fizeram os mineiros as suas reclamações que o director se recusou terminantemente a atender. A recusa irritou por tal forma os animos que, não sabemos como, uma agressão violenta abriu brecha na cabeça do director. Interveio a polícia, esteve a mina em estado de sitio, houve luta renhida entre os operários e a força pública do que resultou um polícia morto — o conflito foi solucionado com vitória cinco horas depois da greve declarada.

Contamos este facto, não para que ele sirva de exemplo, mas porque é realmente curioso

Pró-mineiros de Aljustrel

Convidam-se todos os camaradas que se ofereceram

para tomar conta dos filhos

dos lutadores de Aljustrel,

a reunirem na Calçada do

Combro, 38-A, 2.º, hoje, às

21 horas, a fim de tomar re-soluções urgentes.

Mais uma criança protegida

Comunicam-nos Artur Pedro dos Santos e Marcelino Lopes, operários alfaiates, que pretendem tomar conta dum

criança de sexo feminino.

Como se vê o exemplo vai sendo

seguido, facto que nos encoraja a regozijar, por quanto sabemos que deste modo

não serão tam pesados os sofrimentos

dos que lutam contra a tirania do capital.

As resoluções dos grevistas

ALJUSTREL, 23. — Effectuou-se ontem uma grande sessão com a comarca de Gonçalves Vidal, secretário geral da Federação Metalúrgica, e Pereira Braga.

Gonçalves Vidal relatou a maneira

como foi recebido pelo sr. Gerard, sub-director das minas. Disse levar a solidariedade da Federação Metalúrgica, que fará todo o possível para que o conflito se solucione, alargando-se em considerações de ordem geral que foram ouvidas atentamente pela numerosa assembleia.

Falou também Pereira Braga, que

fez referências ao movimento grevista

aconselhando os trabalhadores a manter-se solidários como até ao presente.

Falaram ainda outros camaradas,

sendo a sessão encerrada no meio de grande entusiasmo.

O sub-director da mina mandou avisar o seguinte aviso:

«Não permitindo a situação actual

destas minas aumento superior ao que

foi concedido ao seu pessoal operário,

sendo certo que com este aumento os

salários das minas ficam em relação

às condições de trabalho, a direcção

convoca todos os operários a retomar o trabalho, considerando que a contin-

nuação da greve não lhes pode ser senão prejudicial.

Em resposta a este aviso, o pessoal

greve resolveu o seguinte:

«1.º Não retornar o trabalho enquanto

as nossas reclamações não forem atendidas e que constam do seguinte:

Metalúrgicos, 100 %; entulhadores,

85%; barreiros, 85%; pedreiros,

80%; safradores, 75%; trabalho exterior, 65%.

2.º Não se tendo a empresa regulado

pelo preço das outras minas, porque

autorem mais garantias do que nós

o pessoal, não tendo conhecimento dos

preços existentes nessas minas, não

retomar o trabalho nessas condições.

Conclusão)

Fala-se de outro modo na Rússia

Envia-se Losovsky a Saint-Etienne a pronunciar-nos um discurso que me parece análogo ao de Frossard. Não é assim como se fala na Rússia. Parecem-me que com esses discursos se queria captar a International; esses discursos assemelham-se às arengas socialistas e comunistas em vésperas de eleições, quando querem o voto dos operários. Se há operários revolucionários pronunciando um discurso revolucionário; se há pequenos burgueses, procura-se atenuá-lo um pouco para lhes arrancar do mesmo modo o voto.

Estamos em vésperas de eleições quando Frossard nos fala como acaba de fazê-lo?

Acaso nós viemos da Iua? Acaso não temos lido as teses e os livros comunistas? Losovsky disse-nos que estávamos livres de jazermos a revolução como querímos. Precisou-nos que seremos livres de comer chourouze ou batatas, que não se nos importa o comer como se come na Rússia... Oh, que bondade, que graça e que ingenuidade! Belo! Mas não se caudava com esta questão.

Os camaradas Mayoux e Totti que estão ameaçados de expulsão do partido comunista, estão-no por causa do chourouze ou das batatas? E é porque se pretende inpor-lhes que trabalhem na submissão do sindicalismo ao partido comunista? Isto, é uma prova prévia da futura ditadura!

Borghí explica a conduta de Totti

A propósito de Totti deixem-me dar algumas explicações com respeito à sua oitudo em Roma e também da sua atitude, assim como da C. A., no assunto da conferência de Berlim.

Totti foi a Roma. Censurou-se-lhe isso. Acusam-no de ter impedido a sair da I. S. V. E' mentira.

Totti observou em Roma uma atitude de neutralidade. Em certos momentos parecer-nos a estátua de sal. Não duvidamos da firmeza das suas ideias. Hoje devo reconhecer que a sua atitude para ser escrupulosa e honesta, não podia ser distinta, e digo: "Totti, obstante bem distinta, é.

Depois, quando Vecchi solicitou intervir na Conferência de Berlim, a C. A. declarou que lhe reconhecia esse direito. Dado o que o conhecia a C. A., a sua resposta era lógica. Mas a U. S. I. mostrou a situação à C. A. e esta reconheceu que nós tínhamos razão.

A Vie Ouvrière publica que em Berlim estava a fracção Borghi da U. Sindical Italiana. Compreendo que Monmousseau mude de ideias. Ele mesmo disse: "Não sou aquele que conheceste em 1919." Pouco importa. Tenho visto muitos dos meus amigos depois de uma sucessão de anos; tinhas visto sãos e tornei a encontrá-los doentes. Alguns morreram.

Não me resta se não constatar que há mais um caso. Monmousseau caiu enfermo de uma enfermidade de ideias. Se pudesse, como ante outros enfermos, trazer-lhe hia os meus cuidados de boa vontade, algum medicamento; mas, se o recusa só me resta constatar o facto; dizer: "Eis um amigo que vai morrer." Isto é Monmousseau! Mas Monmousseau muda de ideias não tem direito a publicar na Vie Ouvrière mentiras que trocam a verdade dos factos. E quando fala na fracção de Borghi em Berlim, a Vie Ouvrière mente. Em Berlim estava a União Sindical completa.

Pois bem, é com este género de minoria que a C. G. T. russa se solidariou em Berlim. Pensai um pouco no que faríeis vós próprios de uma tal minoria se aí não estivesse inserido, ter a autorização, com o visto do comité-director do partido comunista desse país. Esta é a tua posição, Monmousseau.

Tinha-se razão ao dizer que a nossa independência estava em relação com a nossa posição entre os reformistas e os revolucionários ditadores. Em Milão a Confederação Geral do Trabalho e o Partido Socialista disputavam por saber quem dirigiria o movimento. A C. G. T. dizia: "Eu quero dirigir, eu, mas não no sentido da revolução porque sou

o sindicalismo. Quando Monmousseau faleceu, quer-se que nós entremos na Confederação — quer dizer, em Amsterdam — para permitir ao partido comunista apoderar-se como ditador do movimento operário e esmagá-lo o sindicalismo.

Quando chegou a Moscova a C. G. T. italiana tinha dado a sua adesão à III International. Protestei e disse que se queria iniciar o trabalho a favor do movimento revolucionário proletário, não havia que começar com os reformistas. Tiveram-se largas discussões; fizemo-nos chamá-la casa de Lénine, a casa de Bukarin, etc... Disse no último momento:

"Considero D'Aragon e os seus como inimigos da revolução. Mas desde que temos estudado o projecto de estatutos da nova International, tenho visto bem que a nossa autonomia depende da nossa rebeldia. Não tenho aqui o projecto de estatutos, que foi publicado em diferentes periódicos, como o *Libertaire de Paris*, mas sei que se dizia no parágrafo 7 que para estar à cabeça dessas organizações nacionais ou locais era preciso, ou estar inscrito no partido comunista, ou, se não estava inscrito, ter a autorização, com o visto do comité-director do partido comunista desse país. Esta é a tua posição, Monmousseau.

Nessas circunstâncias temos visto bem a nossa posição entre os reformistas e os revolucionários ditadores. Em Milão a Confederação Geral do Trabalho e o Partido Socialista disputavam por saber quem dirigiria o movimento. A C. G. T. dizia: "Eu quero dirigir, eu, mas

não no sentido da revolução porque sou

parágrafo 7, referente à organização operária que deseja aderir a Moscova. Rosmer aceitava já as fórmulas de Moscova. Tinha cessado de ser um imbecil belino!

Camaradas, depois de tudo isto, compreendemos bem que existiam ante Moscova as mesmas relações que existem com os países.

Declaramos então: ponhamos a questão da revolução de parte para tratar de trabalhar pela International Sindical, considerando-a como independente do seu governo. Sem embargo, dissemos também: "Por agora, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

O italiano não irá a Moscova nem pelo Mar Báltico, nem pelo Mar do Norte. Eis porque dissemos em Berlim que poderíamos convocar a Rússia Sindical, considerando-a como independente do seu governo. Sem embargo, dissemos também: "Por agora, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

Depois, em Berlim, dissemos: "Comovemos todas as centrais aderentes a Moscova numa cidade da Europa

que independentemente do seu governo, consideramos que a C. G. T. russa é independente do governo; convocemo-la à Conferência de Berlim."

A BATALHA

A VIDA CARA

“A Batalha” NA PROVÍNCIA E ARREDORES

Sopa de carne com toucinho e chouriço

História completa duma roubalheira vulgar com por menores imprescindíveis para estarrecer o leitor

Na mercaria Francisco Rua Viana, da Praça do Loreto, vndiam-se, há 2 meses, umas latas da capacidade de um litro, com diversas comidas preparadas, custando oito tostões cada uma, o que se podia chamar papa fina, ao alcance de todos os bens e muito boa para todos os estómagos.

Com engano de alma ledo e cego pouco durou essa pechincha e as tais latas desapareceram do referido estabelecimento, como se por lá tivessem passado uma praga de comilões ou assamburadores que as devorassem.

Eis senão quando há dois ou três dias num merceria da travessa de S. Nicolau, depareu-se-me uma verdadeira montanha das latas em questão, acompanhadas dum placard com os dizeres que vão estampados mais acima e o respectivo preço de 2800 (dois escudos) cada uma, o que me se afigurou ser uma roubalheira como qualquer outra porque o artigo, sem dúvida, é o mesmo que na sobredita merceria do Loreto se vendia a oito tostões cada lata, é de supor que sem prejuízo para o dono da casa.

Como é, pois, que se explica que em dois meses a mercadoria em questão tivesse um aumento de cento e cinquenta por cento?

Será pela descida da libra e pela consequente melhoria dos câmbios, devido à encarecendo, à proporção que o cambio vai melhorando?

Francamente não encontro nem pertece de encontrar a explicação deste fenômeno, assim como não se explica que algumas mercerias vendam o balhau a 3500, o quilo, e o vendam outras, inferior, entre 500 e 5500.

Segundo li no Diário de Notícias vai sair um decreto criando em todas as comarcas do país outras tantas comissões repressivas do assamburamento dos gêneros, funcionando como tribunais especiais para o julgamento e punição dos beneméritos a cujo número a utilitadíssimo pertence o honrado mercieiro da sopa de carne com chouriço e toucinho, ali da rua de S. Nicolau e os quais o sr. António Maria da Silva chama «personagens» quando, em conversa amena, se ocupa de suas excelências.

Lá que o decreto a que me refiro, obra assacada, no papel, não há dúvida.

Mas do papel à prática é que a porcaria do rabo, com licença de vossas sehorias e do sr. presidente do ministério.

Cá pelas minhas contas, se a personagem, colhido nas malhas do tal decreto, for «bom republicano», ainda que parcialmente um refinadíssimo gatuno, não se tocará nem com uma flor e poderá prosseguir à vontade no exercício do seu honrado comércio.

Outrotanto sucederá se o personagem, ainda que não seja «bom republicano» para armazém ou mercerizo e cachaçudo, noutros tempos fornecidos da casa real e hoje aderente à república, como amanhã seria aderente aos soviéticos, à condição de deixarem negociar à sua vontade.

Por falta de leis não foi, de certo, que a carência da vida chegou ao estado de perfeição em que se encontra.

Leis protetoras do consumidor tem havido uma tal abundância delas, que andam por aí aos pontapés sem se lhes dar a mínima importância.

Por via de regra e de maneira geral nossas leis são boas, para sofismar ou converter num retorcido corno em que o povo chipe como um danado, como creanças chupam no dedo ou na róula que lhes dão para entretê-las ou lhes fazer perder o vício da mama.

Numa carta à família dizia o galego: «A terra é boa, a água é deles e a gente vende-lha».

Aplicando o conto ao caso, os assanbadores e toda a pirataria do balhau, dizem o mesmo que o galego, pensando exactamente como él:

«A terra é boa, as leis são magníficas, mas a gente está-se cagandista para a terra e para as leis e vai vendendo tudo, pelo preço que quer».

Assim é que está certo.

Com os personagens não há governo que meta dente, ou caia o Carmo e a Trindade com os protestos das forças do ônus vivo.

Mas enfim, o que havemos de fazer? Sofrermos com paciência e resignação as tristezas dos nossos governantes, chutar no corvo e ir gramando a sopa de carne com chouriço e toucinho do personagem da Rua de S. Nicolau, pagando

José BENEDY

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Divisão do Material e Tracção

Armazéns

Fornecimento de 200 toneladas de óleo mineral escuro

No dia 6 de Novembro pelas 16 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 200 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns da Divisão do Material e Tracção (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regalo o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 21 de Outubro de 1922.
O Eng. Sub-Diretor da Companhia
(a) Santos Viegas

Marco postal

Amareleja. — F. Ferreira. — Segue carta e recibos.

Ajuzrel. — Cortes. — Os livros que pede encontram-se todos esgotados.

FUNILEIRO

Precisa-se oficial. António Lopes de Sousa, Abrantes.

Publicações de «A Seara Nova»:

Por Jaime Cortezão:

Adão 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de Além mar 3\$00

Problemas escolares 3\$00

Por Ezequiel de Campos:

Lázaro 3\$00

Seara Nova, n.ºs 1 a 12, brochados 7\$50

Aguia, revista da Renascença Portuguesa 9\$00

Guarda

22 DE OUTUBRO

Subsistência

A questão das subsistências, nesta cidade, continua a merecer o desprazo daquelas que obrigação teriam de tomar a seu cargo, tentando as necessárias medidas de intérinos benéficos, já em tempo se quis fazer alguma coisa a instâncias, diga-se de passagem, da Associação 1.º de Maio, que nesse se empenhava. Hoje, porém, tudo se pôs de parte, caminhando-se ao sabor dos acontecimentos e deixando-se os especuladores especular e enriquecer à vontade e à custa do esfodado trabalhador.

As batalhas que tinha sido tabelada a \$500, não aparece e a que aparece é dividida, num ápicé, a 9 e 10 escudos. E a Comissão de Subsistências não dá sinal de vida, não toma medidas. Entre tanto os batalheiros, essa praga daninha, têm negócios em barda, arrebanhando toda a batata que aparece, não discutindo prego.

Estamos bem arranjados este ano. Se assim vão as coisas, sem um obstáculo, sem um travão, havemos de pagar-lá, daqui a pouco a 30 escudos!

Perante a falta provocada, que se nota, da batata, não somos daqueles que reclamam: Apareça a batata, seja o que prego for. Nós dizemos antes: venha a batata, ao preço da tabela, ou a bem, ou a mal.

Ainda não abriu, apesar de pronto, o armazém regulador.

Que haverá? Novo entrave? Ou esquecer-se de nós o comissário geral dos abastecimentos? A este sr. pedimos novamente providências. — C.

Portalegre

23 DE OUTUBRO

O que eles declaram

Como tínhamos previsto e depois da representação da mal ensaiada comédia, que deram por falso de Avelar para misturar-lá ao açúcar, sem dar por isso, acrescentando que não me quizeram dizer o nome desse cavalheiro de indústria, que, de resto, não está à espera dos lucros desse negócio para ser rico porque já é, à custa de outros negócios que fez.

Para isto, creamos, não há leis possíveis, nem imagináveis.

Há só uma causa que há de surgir, a seu tempo, mais depressa pela força imperiosa das circunstâncias do que pela vontade daqueles que sentem a revolta natural contra o actual estado das coisas que, quando menos se expõe, há de dizer da sua justiça, obriguando os personagens ao pagamento do capital e dos juros da mais sagrada divida que se pode contrair com o povo e vem a ser aquela de roubar durante muitos anos consecutivos e com a mais requintada malvadagem, sem igual e sem precedentes entre bandidos de estrada.

José BENEDY

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Divisão do Material e Tracção

Armazéns

Fornecimento de 200 toneladas de óleo mineral escuro

No dia 6 de Novembro pelas 16 horas, na estação central de Lisboa (Rossio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 200 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns da Divisão do Material e Tracção (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regalo o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 21 de Outubro de 1922.
O Eng. Sub-Diretor da Companhia
(a) Santos Viegas

Marco postal

Amareleja. — F. Ferreira. — Segue carta e recibos.

Ajuzrel. — Cortes. — Os livros que pede encontram-se todos esgotados.

FUNILEIRO

Precisa-se oficial. António Lopes de Sousa, Abrantes.

Publicações de «A Seara Nova»:

Por Jaime Cortezão:

Adão 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de Além mar 3\$00

Problemas escolares 3\$00

Por Ezequiel de Campos:

Lázaro 3\$00

Seara Nova, n.ºs 1 a 12, brochados 7\$50

Aguia, revista da Renascença Portuguesa 9\$00

Aeroporto de Lisboa

Por José Benedito:

Adão 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de Além mar 3\$00

Problemas escolares 3\$00

Por Ezequiel de Campos:

Lázaro 3\$00

Seara Nova, n.ºs 1 a 12, brochados 7\$50

Aguia, revista da Renascença Portuguesa 9\$00

Aeroporto de Lisboa

Por José Benedito:

Adão 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de Além mar 3\$00

Problemas escolares 3\$00

Por Ezequiel de Campos:

Lázaro 3\$00

Seara Nova, n.ºs 1 a 12, brochados 7\$50

Aguia, revista da Renascença Portuguesa 9\$00

Aeroporto de Lisboa

Por José Benedito:

Adão 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de Além mar 3\$00

Problemas escolares 3\$00

Por Ezequiel de Campos:

Lázaro 3\$00

Seara Nova, n.ºs 1 a 12, brochados 7\$50

Aguia, revista da Renascença Portuguesa 9\$00

Aeroporto de Lisboa

Por José Benedito:

Adão 3\$00

Itália azul 5\$00

Por Faria de Vasconcelos:

Terras de Além mar 3\$00

Purgações

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro específico

SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as PREÇO urinas não mudam de cor nem de cheiro 10\$00 VENDEM:

FARMACIA ESTACIO, Rossio, 63. — FARMACIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228. — UNIÃO COMERCIAL DE DROGAS, Rua Augusta, 180. — FARMACIA CASTRO, Avenida Almirante Reis, 76. — FARMACIA CONCEIÇÃO, Calçada de D. Gastão, 23, (Xabregas) — FARMACIA DE PEDROUÇOS, Rua de Pedrouços, 114.

Depósito geral Farmácia Castro, Sucessor
Rua de S. Bento, 199-199, A
LISBOA

AGUA AMARELA

Remédio que mata todos os parasitas da cabeça e corpo. Destroem lendeas e limpam a caspa. Preço 2\$50

DEPÓSITO GERAL:

SIMÕES VIANA. — Rua Infante D. Henrique, 54, (vulgo S. Tomé) — LISBOA

Envia-se pelo correio para qualquer parte do continente ou ilhas

Preço 2\$50, contra reembolso 2\$70

LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

MOSA & ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

Tabacaria A NACIONAL

— DE —

MARQUES & MARQUES

Tabacos nacionais e estrangeiros, jornaais, figurinos, postais ilustrados, livros, artigos de papelaria, selos, papel selado, artigos para fumadores

LOTERIAS

Aguas, cervejas e refrescos
38, Rua da Mouraria, 38-A
LISBOA

Francês sem mestre em 3 meses

por M. GONÇALVES PEREIRA

Ao alcance de todas as inteligências e de todas as idades.

Pronúncia figurada em sons da língua portuguesa, gramática, conversação e correspondência.

PREÇO 10\$00

Pelo correio 10\$50

Pedidos à administração de A BATALHA

Aos camaradas da província

que desejem adquirir o livro que a comissão organizadora do Congresso Socialista podia fazê-lo enviar, a quantia de 25\$00 para lhes ser enviado pelo correio sob registo.

LEIAM

PROPRIAÇÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas neo-malutianas)

- Descrição dos órgãos genitais.
- Valor exacto dos meios a empregar.
- Injeções.
- Preservativos, etc.

Preço, \$25 — Pelo correio, \$30

USEM

OVULOS

anti-germinativos

Caixa, com uma dúzia.... 2\$00

Pelo correio..... 2\$15

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescias em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º



Especialidade em CHAPEUS
DE SEDA
E FLAMÃO

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

Nicolau Gomes Correia

ALFAIA-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas à alentejana. Casacos para senhora já confeccionados

AVIMENTOS PARA ALFAIAES

R. dos Fanqueiros, 255

A BATALHA

Livraria Renascença

J. CARDOSO, L. da — Editores

RUA DOS POIAIS DE S. BENTO, 27

Foi inaugurado há dias este estabelecimento, onde se encontram à venda obras literárias, científicas, sociais, filosóficas, profissionais e artísticas.

Em breve sob a direcção de Manuel Ribeiro o autor de «A Catedral» e «O Deserto» se iniciará a publicação de três coleções a temas, sendo a primeira intitulada «Coleção Autores Célebres» ilustrada. Iniciando-se com a grandiosa obra de Vitor Hugo «Os Miséráveis».

A segunda denominada «Germinal» iniciará com a magnifica obra de Kropotkin «O Auxílio Mútuo» trabalho maravilhoso onde é demonstrada a verdadeira solidariedade que existe nos animais irracionais.

A terceira intitulada «Renascença» abrirá com «A Pecadora da Galileia», por René Emery, romance que remonta aos tempos primitivos do Cristianismo e que ao aparecer em França, em poucas semanas se esgotaram trinta edições.

Outras publicações em separado se editarão de maneira a educar e instruir a classe trabalhadora.

Também tem montada uma secção de artigos de escritório e escolares fornecendo todos os objectos e artigos para o funcionamento de qualquer organismo.

Fornecemos carimbos de borracha e de metal, cartões de visita e de identidade, encadernações e todos os trabalhos tipográficos.

Fornecemos bibliotecas e procura de livros raros, assim como a compra e venda de livros usados.

Todos os artigos são vendidos aos preços mais baixos do mercado não restando concorrência.

A nossa divisa será «Honestidade e audácia para vencer», esperando que o público e todos os camaradas e amigos façam uma visita ao nosso estabelecimento o que agradecemos.

CALÇADO

A grande Baixa de Calçado a Sapataria Social Operária

Sapatos em calçado preto para senhora 19\$00

Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00

Botassal-prefeito grande saldo 27\$50

Botas calçado com duas solas 32\$50

Grande saldo de botas brancas 17\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de couro para homem a 20\$00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de Iona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

A 15\$00

GRANDE lote de sapatos em vitela preta, cujo valor actual é 16\$80, pois só o feito custa 7\$00.

A 35\$00

BOTAS de couro e pretas cujo valor real é de 28\$00, na grande liquidação da Sapataria do Calhariz.

A 27\$50

GRANDE lote de botas em superior calçado, cujo valor é 38\$00.

A 23\$50

UM lote de botas em couro, 1 sola, para homem; um dito em 2 solas.

A 19\$50

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

A 17\$50

UM grande lote de sapatos em verniz preto, com salto Luís XV; outro em calçado amarelo, cujo valor é 28\$00.

SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

Para futebol

Vendemos todos estes calçados — 30 a 40% mais barato —

Grande sortimento em calçados casuais, chinelas de quarto, moinhas, calçados das mais recentes novidades para homens, mulheres e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 38

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS de METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e paillhas. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são paga integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500:000\$00

RESERVAS: 749:051:80,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

R. dos Poiais de S. Bento, 27

R. dos Poiais de S. Bento, 27